O TCC

Muitas expectativas cercam um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aproximar-se desta disciplina requer muita atenção para identificar que tipo de proveito pode-se tirar destas projeções sem criar ansiedades infundadas, que atrapalhariam o desenrolar do trabalho e tornariam aquilo que tem possibilidade de ser um grande prazer em uma labuta exaustiva e penosa.

O primeiro aspecto importante do TCC que deve ser sublinhado é o fato deste ser profundamente pessoal, autobiográfico. Consiste numa reflexão e consolidação dos pontos de vista aprimorados pelo aluno ao longo da sua graduação. Com a finalidade de potencializar a qualidade individual deste trabalho convém, com a mais atenta consciência, incorporar os desejos e faculdades relacionados a disciplina desenvolvidos pelo aluno, mesmo antes deste ingressar na universidade, quando já antevê o momento em que, graduado, estará projetando suas visões sobre a cidade, palavra que, por exemplo, bastante anterior às eruditas concepções da arquitetura, remonta a potentes imagens desde a primitiva consciência infantil.

Entretanto, para expandir o imaginário de um TCC em Arquitetura e Urbanismo ainda é necessário superar estas imagens pessoais e observar outros personagens centrais desta rede, a escola é um deles e também reserva grande importância a esta produção, sobretudo quando a encara e observe como uma contribuição de seus alunos no limite da graduação, assegurando liberdade para o desenvolvimento de ideias e conferindo destaque ao momento de divisão destas. Afastando a imagem que o TCC é um filtro que seleciona estudantes aptos a praticar Arquitetura no suposto mundo real, ampliamos o alcance deste trabalho, bem como entendemos o largo papel da academia.

Mas finalmente é "o outro", um indivíduo alheio a esta aprendizagem e a quem pode-se dizer que todo o investimento na educação se destina e justifica, que figura um papel destacado na trama do TCC, é ele quem dará contornos brilhantes ao trabalho na medida em que for incluído, seja mentalmente ou na prática, nas concepções e interpretações do trabalho. A troca franca com este personagem possibilita uma poderosa experiência em que, superando especulações, o trabalho pode enriquecer muito ao incorporar a reação do indivíduo e agregar alguma qualidade a sua vivência.

O aprimoramento do trabalho individual, a mais singela contribuição a atividade de aprendizagem, pela divisão da experiência, e a qualificação, mesmo que instantânea, da rotina do outro, já sugere com intensidade e precisão que uma aproximação real e objetiva entre estes personagens só tem a somar em qualquer etapa deste trabalho, para todas as figuras envolvidas. Assegurados o investimento de trabalho que o autor despenda, a abertura de comunicação que a escola lhe reserva e uma potencial interação enriquecedora com o outro, um TCC pode satisfazer aos três personagens, cumprindo amplamente todos os seus propósitos.

TRAJETÓRIA E DEVIR

Buscando um TCC deliberadamente autoral, que de modo consciente e coerente desenvolva-se à partir de meus domínios e interesses, foi necessário esquadrinhar uma trama em que as linhas eram os percursos seguidos na graduação e alguns já sugeridos à seguir. Esta trama clarificou-se olhando lado a lado trabalhos resultantes de disciplinas da grade curricular e outras experiências fora da faculdade de Arquitetura. Observando os sucessivos processos elencados por relevância, se destacam que domínios foram aprimorados, quais descobertas causaram mediata e intensa repercussão e também as fragilidades recorrentes, diligentemente lapidadas. Ainda no fundo desta trama fica evidente o fortalecimento de algumas atitudes, desejos e concepções verificadas nas aproximações entre trabalhos extemporâneos e, por vezes, de campos distintos, o que permite vislumbrar com mais propriedade as imagens que projeto para meu breve e distante futuro.

Este exercício de situação entre os campos pertencentes e tangentes a arquitetura, de posicionamento ou trânsito entre eles, me fez ver que valorizava muito mais as experiências acadêmicas em que saímos das salas e nos relacionamos com pessoas e problemáticas reais, exploriva, tateava, com significativa autonomia para engendrar soluções. Outro aspecto que os qualificava foi o recorrente desenvolvimento pessoal dos trabalhos, com um envolvimento que imbuia nestes um tipo de exploração tátil e estética que considerava especial. Para além da arquitetura, mas sempre colaborando, diferentes leituras em torno de correntes filosóficas pós-estruturalistas e psicanálise encontraram sincera e imediata afinidade com minha forma de pensar, abastecendo meu imaginário, assim como o antigo e parcíeiro hobby artístico desenvolvido sazonho ou coletivamente. Ainda sobre a reconstituição destes percursos, sobressai o desconforto verificado nas experiências que culminaram num impositivo e massacrante volume de trabalho, perigosamente aceito como natural, e raqueles em que não houve possibilidade de debater de maneira construtiva, o que sempre me parece salutar.

Observar os aspectos levantados à superfície da minha vida acadêmica já indica vocações que poderia seguir em arquitetura, numa lista descuidada e reticente, elegi de jardineiro à clente de cafés, passando por projetista e curador, ocupações que me encantavam há muitos anos e outras que me afastavam de imagens indesejadas, de modo a supor que tipo de ocupação e rotina seriam resultado, digamos, de um desenvolvimento natural, de minhas habilidades e convicções, eliminando aquelas opções introjetadas por instituições de controle ou pelos "mass media", apenas porque me encantam infinitamente mais os personagens, lugares e eventos singelos, cotidianos e tênues de perceber e apreciar. Tenho muita clareza que além de projetar minhas ideias na cidade, desejo desenvolver minha percepção para reconhecer as qualidades de seus lugares, muitas vezes pertinentes a dimensões indiretamente relacionadas com arquitetura.

Concluída esta reflexão reforço a ideia de me ocupar com algo que permita um tipo de vivência completa, inteira, num ritmo compatível, que possibilite apreciar cada nuance explorada neste ofício, cuja principal preocupação deve ser investigar as tênues relações entre os lugares e as pessoas, que são, essencialmente, tudo o que provê qualidade e substância a um espaço.

O TCC QUE DESEJO

(.) Um nó na trama conceitual que estabeleço.

(.) Um exercício de sintonia, tem a ver com apreciar belezas com um olhar aprimorado, atento e interessado ao sutil e pitoresco, enquanto possibilidades de lugares reais.

(.) Passa por reconhecer a rede cujos fios são interesses e experiências, esta trama dará suporte a este trabalho, como também clarifica uma série de posicionamentos frente aos territórios da disciplina e da cidade.

(.) Pode ser registro de imagens, fotografias, devaneios e croquis que capture impressões de lugares da cidade, o tema é a epifania, insidia do real, ampliando o imaginário proliferado como ideologia ou senso comum.

(.) Deve ser pertinente, esquadrinhando meus percursos e desejos em arquitetura, pertinente à academia, quando colabora propondo ou experimentando vivências diversas, mas finalmente pertinente à cidade, quando se apropria de seu cotidiano, seus lugares e personagens, devolvendo a estes um produto ou processo para que o incorpore ou expurgue.

(.) Uma experiência de percepções sensitivas causadas por e imbuídas nas arquiteturas.

(.) Uma compreensão sensível das atmosferas dos espaços e lugares de modo a potencializar experiências e reações de seus usuários e eventuais expectadores.

(.) Uma representação da multiplicidade de realidades sobrepostas nas cidades.

(.) Exploração das qualidades de um modo tranquilo e artesanal não só de arquitetar, mas também de viver.

(.) Solidífica a impressão forte de que a qualidade do espaço encontra-se na sua relação com as pessoas, necessitando muito mais sensibilidade para sintonizá-la de modo potente.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUCCI, Angelo. Duas formas de beleza, duas cidades. GUERRA, Abilio (Org). RAUHO, Roberto Novell (Org). O arquiteto e a cidade contemporânea. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2009.

CABRAL, Oswaldo R. Nossa Senhora do Desterro. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1971.

CARERI, Francesco. Walkscapes, o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

COELHO Neto, J. Teixeira. A construção do sentido em arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Kafka - Para uma literatura menor. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. Conferência proferida no Centre d'Etudes Architecturales, 1967.

GUATTARI, Felix. Caosmose - Um novo paradigma estético. São Paulo: Ed 34, 1992.

GUATTARI, Felix. Kafka Machine. São Paulo: N-1 Edições, 2011.

HELDER, Herberto. O corpo o luxo a obra. São Paulo: Ed. luminuras, 2000.

HELDER, Herberto. Vocação animal. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1971.

KAFKA, Franz. A metamorfose. Porto Alegre: L&PM, 2009.

KAFKA, Franz. Contemplação/O fogueiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KAFKA, Franz. Essencial. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KAFKA, Franz. O castelo. São Paulo: Martin Claret, 2006.

KAFKA, Franz. O processo/O veredito. São Paulo: Martin Claret, 2006.

KOOLHAAS, Rem. Três textos sobre a cidade. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

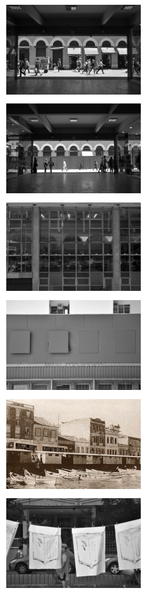
ROWE, Colin. Ciudad collage. Barcelona: GC Reprints, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. A náusea. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. Situações I - Críticas literárias. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

STAHL, Urs (curadoria). Ai Weiwei - Interlocing. São Paulo: Museu da Imagem e Som, 2013.

ENTRADAS E FRONTEIRAS



A ideia de território à partida remete a posse, pertencimento, soberania, inclusão ou exclusão, delimita fronteiras e demarca acessos, mas além do que a etimologia desta palavra sugere, tal noção supera o domínio espacial, e mesmo estes, possuem limites e transições muito menos definidos do que ilustra o senso sedimentado pelo poder. Territorialidade também é um primitivo sentido referencial, articula um sentimento telúrico a partir de qual estabelecemos ideias de semelhança, coletividade ou individualidade. A própria cultura, um conjunto de ações e fenômenos característicos que um grupo reconhece como familiares, é fundamentada pelo sentido ancestral do território. Abordar esta ideia é básico para entender e esquadrinhar os aspectos das relações "corpo-espaço" pelos quais o indivíduo se conecta aos lugares que habita, sobretudo atualmente, quando, muitas vezes, encontramo-nos imersos em vertiginosos fluxos, de pessoas, mercadorias, e sobretudo informações, embarafando mais e mais os referenciais reconhecidos, obrigando o indivíduo a lidar com um jogo cujo regra mais importante é a que ele ainda não conhece, a novidade.

O par de autores franceses, Deleuze e Guattari observam a velocidade e quantidade infinitas como multiplicam-se os símbolos e sentidos nesta época, caracterizando este ininterrupto e cíclico processo de significação, estranhamento e ressignificação como "processo de territorialização e desterritorialização perpétuo", sendo que Guattari prossegue, no início de sua fala em "Restauração da cidade subjetiva" diz que "O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado", afirmando que aquele sentido primitivo de territorialidade transformou-se completamente. Hoje, em grande medida, nos ancoramos em "universos referenciais" que não cessam de mudar. Com as noções originárias de território progressivamente perdidas, o francês destaca esta nova e generalizada espécie de nomadismo subjetivo.

Lipovetsky, assim como Bauman e outros autores que se dedicaram a investigar as mutações deste período histórico, expõe diversas vezes a volatilidade desta fluida ancoragem quando diz que "A sociedade pós-moderna é a época do deslizar", exemplificando que "hoje, as questões decisivas da vida coletiva conhecem o mesmo destino que os éxitos dos tops, todos os pontos altos se desmoronam, tudo desliza e se apaga numa indiferença descontraída", ele prossegue alertando quanto aos efeitos desta volatilidade nas formas do habitar, quando "coincide com o processo tendencial que leva os indivíduos a reduzirem a carga emotiva emocional investida no espaço público ou nas esferas transcendentes, aumentando correlativamente as prioridades da vida privada", e finalmente chega a alertar que "Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais sós se sentem os indivíduos; quanto mais livres e emancipadas das coações antigas as relações se tornam, mais rara se faz a possibilidade de conhecer uma relação intensa", dando contornos dramáticos ao que considero a principal consequência desta fragmentação do sentido de território, o processo de individualização, ou narcisismo, contemporâneo.

Neste sinistro recorte do atual capitalismo, o sentimento de reconhecimento e pertencimento a um grupo especial, portanto também de diferenciação, é ininterruptamente apropriado, exagerado e celebrado pelos "mass media". Isto doutrina um comportamento de consumo mais e mais mediatista. Impactando numa forma de apropriação cada vez mais efêmera e superficial de vários aspectos da cidade e da própria cultura, para que se tornem apreensíveis a olhares pouco demorados, demasiado acostumados a vertiginosa sedução "non-stop" dos alargados canais de comunicação. É imperativo se adaptar, sob o risco de, figurando fora da carta de opções mais exóticas ou inovadoras, serem relegadas ao ostracismo. Acabam se achatando, inscrevendo numa lógica comercial, em que não há muitas opções, ou lançam mão de artifícios que as descaracterizam profundamente, ou será preciso delimitar e impor uma imagem estereotipada de seu caráter, que brevemente se transformará numa caricatura, um fardo pesado, onerroso e muito difícil de se libertar.

Não é raro observar inúmeros exemplos destes efeitos pela cidade, mas felizmente este quadro é uma entre as muitas leituras possíveis da realidade. As inúmeras potencialidades da dinamização generalizada que experimentamos nas últimas décadas podem conduzir a formas muito especiais de habitar, com intensidades até agora inimagináveis, mas é necessária muita atenção para perceber que formas podem ser, como se apresentam e como podemos perseguí-las.

Thomas Struth - Walter Street, New York

Joseph Koudelka - Gypsies

Ai Weiwei - Study in Perspective

Lavadeiras na Av. Hercílio Luz - Fotomontagem, 2013.

Compreender a cidade contemporânea em suas múltiplas dimensões supõe uma tarefa extenuante e, aparentemente, injusta, quem se dispõe a fazê-lo encontra um oponente sem contornos, de imagem turva, fugidia e impossível de capturar com nitidez. Entretanto, cedo ou tarde, os esforços sempre mais atentos conduzirão a movimentos com estranha desenvoltura neste tecido com escassas referências fixas. Neste momento, como Angelo Bucci nota, "inesperadamente surge o encantamento. Você se descobre em um ambiente cuja paisagem é dinâmica, ela se faz e refaz continuamente pela soma de imagens que não param de explodir, é uma beleza crescente. Cada canto nesse contexto em que parecia não caber desfrute estético enche-se de sentidos e, ao mesmo tempo, cada canto se mostra um fragmento, parte componente do todo." E aí quando entendemos que a apreciação deste organismo em sua totalidade exige empenho, movimento e grande resistência, mas recompensa largamente com um encanto que o arquiteto ainda definiu como "monumental". Neste instante de notável intensidade, além do deleite em perceber as múltiplas imagens combinadas e multiplicadas na complexidade da cidade, é muito provável fortalecer ou estabelecer laços muito estreitos com o lugar, em que a metamorfose demonstra-se a única regra que abrange tanto o mundo das coisas quanto o da imaginação.

Imersos, sintonizados para perceber os territórios e realidades entrelaçados, sobrepostos e desvanecidos, bem como suas tensões e reverberações, esclarecemos o sentido deste trabalho ao fixarmos esta impressão. Buscamos trazer a superfície, nas lacunas entre as imagens da cidade em proliferação, outros encadeamentos, ou seja, expor linhas de fuga que possam conduzir a maneiras singulares e intensas de vivenciar os lugares. Ressaltemos desde já que encontramo-nos distantes de uma vontade de doutrinar alguém a estar bem ou mal relacionado com a cidade, não temos pretensão de levar a verdade para nenhum suposto, ignorante, mas ilustramos um modo intenso de experimentar a rotina urbana com um olhar atento, trata-se de um convite a acessar a conexão subjetiva que todos estabelecemos em nossa experiência e criação da própria cidade. Um convite a experimentar "beleza monumental" da cidade contemporânea, máquina de desterritorialização.

Conscientes do objetivo e alcance deste trabalho, seguimos da simples observação e constatação dos fatos. Iluminamos alguns aspectos da complexa vivência urbana evidenciando tensões e antagonismos característicos de uma leitura possível sobre os espaços materializados nas cidades. O proposto recorte temporal, o real e fantástico destas cenas urbanas, evidentemente coloca na penumbra nuances que historicamente se acumulam e, na prática, persistem, mas assumimos observar aspectos fragmentários, como as figuras da cidade contemporânea que proliferam sentidos, constituindo um imaginário e ideologias sobre ela, marcadamente múltiplos e voláteis, como sugerem nossa cultura e as atuais formas de apropriação e produção do espaço.

Abordamos "máquina" como uma ideia adequada para expressar a lógica engendradas na proliferação, acumulo e descarte de desejos e imagens próprios da cidade. Encontramos nas suas definições uma série de saídas diferentes que só apreendidas em sua propagação poderão esquadrinhar o diverir urbano polívoco, multifacetado e multifoliado, como a cidade se apresenta. (Por definição, máquina é qualquer dispositivo que muda o sentido ou intensidade de uma força, algo que incrementa as capacidades humanas em realizar determinada ação. Figurativamente, pode-se chamar de máquina alguém muito eficiente numa tarefa ou demasiado autômato, robotizado. Um plano inclinado já configura uma máquina simples. Podemos identificar inúmeras máquinas em estruturas que mencionamos cidade, ou antes, todas elas definiriam uma única e estranha máquina, que não representa alguma uma metáfora para cidade, mas sim suas metamorfoses. Utilizando esta palavra, não buscamos capturar o significado, sentido próprio ou figurado da cidade, interessa, aludindo a Deleuze e Guattari, visualizar "uma distribuição de estados no leque da palavra", como interessa vislumbrar uma distribuição de situações e realidades diferentes e coexistentes na cidade.

A esta trama, densa e volátil de múltiplas entradas que sempre escapará a quem tenta capturar, enunciamos "F. máquina desterritorialização". A cidade, criação e geradora da cultura, é antes quem pode nos capturar, conduzindo pelos percursos a que estivermos sintonizados a perceber, revelando-se sempre em partes. Povoamos a cidade com imagens, devires e afetos, enquanto ela os acumula e articula, maquinando a partir destes outras referências, códigos e símbolos embarafadas que, outra vez, ciclicamente, alimentam nosso imaginário. Tal "megamáquina" processadora de subjetividade opera uma dinâmica cada vez mais intensa, se por um lado, o intenso desenvolvimento tecnológico e o alargamento do fluxo de informações a potencializam, ao mesmo tempo, como a própria humanidade, é vítima de um ameaçador imobilismo quando se verifica que o homem contemporâneo apresenta uma crescente dificuldade em estabelecer vínculos singulares, vivências verdadeiramente únicas, com os outros indivíduos e os lugares que habita, consequência de uma inflação e superabundância de sentidos proliferados pelo mesmo desenvolvimento.

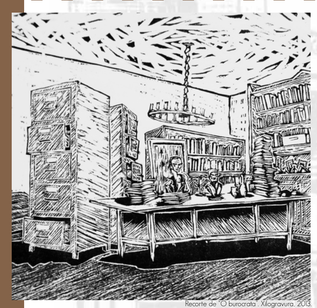
RETRATO DINÂMICO DA CIDADE

Recorte de "Retrato dinâmico da cidade". Collage digital, 2013.

Encontrei na xilogravura outro suporte para sublimar e expressar imaginário e ideologias que estabelecia no desenvolvimento do TCC. Concomitante a realização deste trabalho, em dezembro de 2013 houve uma exposição de gravuras no CIC cujo tema era "cenas urbanas". Estavam fixadas as dimensões e orientação da placa a ser gravada, mas além disso o trabalho era livre. Com minhas faculdades totalmente excitadas para a realização de meu trabalho, e tendo em vista o direcionamento temático da exposição, não havia razão para desear de articular profundamente as duas atividades, agregando substância à obra de arte e mais uma superfície de procura e registro à pretensa coleção que buscava em meu TCC.

Observava a cidade fantástica que se apresentava à medida que nela imergia. Em percursos buscando outros ângulos para observar os lugares presentes em meu cotidiano deslocuei-me no espaço, capturei vistas novas de lugares referenciais em Florianópolis, à seguir, numa collage, os embarafei com outras vistas de um aspecto mais confuso da cidade em proliferação. O quadro mostrava uma cena urbana densa, mas que parecia quase vazia. Pelos lugares conhecidos percebia-se que cidade a gravura era análoga, mas os pontos de vista não usuais, ainda poderiam fazer pensar se haveria um lugar com aquele enquadramento tão diverso. E um quadro que incorpora o percurso (físico e mental), deveria ser intrigante e familiar.

Exposição "Cenas Urbanas", Dez 13/Jan. 14



Recorte de "O barcodro". Xilogravura, 2013.

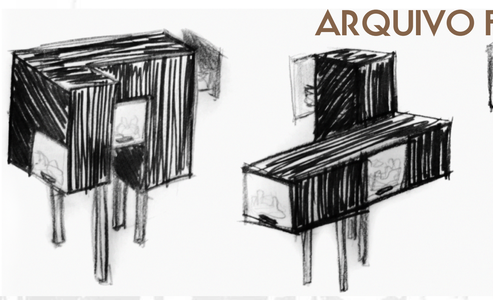
O arquivo foi uma imagem que surgiu inesperadamente e com imediata importância neste trabalho. Transmitiu-se a partir da gravura intitulada "o barcodro", que comecei no fim de 2012 na oficina de gravura da Fundação Catarinense de Cultura, numa série dedicada a retratar passagens da literatura de Franz Kafka. Foi uma ideia forte que logo contagiou a atmosfera de todo o trabalho, definindo balizas e o caráter de registro e intervenção que iria desenvolver.

Construir esta ideia em sua plena potência motivou alguns gestos globais que guiaram grande parte deste trabalho. O aspecto fantástico, essencial em Kafka atingia a relevância do registro mais criterioso, como a fenomenologia existencial de Sartre, tratava-se de conceder liberdade poética ao discurso científico e poder de verdade à ficção dos romances. Ressalto que tal atitude é tomada muito mais por pertinência temática do que para dar contornos peculiares a este TCC. Relatando sucintamente, o fantástico, no contexto precursor do humanismo literário que Kafka estabeleceu, segundo a análise de Sartre, é mais uma maneira entre oem de fazer refletir a própria imagem do indivíduo. Ainda segundo o intelectual francês, o escritor tcheco constrói o fantástico para levar um indivíduo, digamos, normal, para um universo em inverso, ou seja um mundo em que todos os lugares e objetos lhe são familiares sem apresentar qualquer poder sobrenatural, senão a insistência em simplesmente nunca funcionar como se espera, criando assim, com toda a sua habilidade, a autêntica atmosfera de um sonho angustiante.

Sou profundamente impressionado pela obra de Kafka, e também considero incrível a aproximação de uma descrição desta natureza a uma tentativa de esquadrinhar os contornos da cidade contemporânea em que autores como Lipovetsky ou Bauman se aventuraram. Apropriando-me como pude deste tipo de mecanismo literário, busco através de analogias a este conceito de fantasia, potencializar meu o trabalho. No próprio título deste TCC utilizamos a estratégia de esvaziar a cidade e seus cidadãos, até a última letra - "F" - à moda de Kafka, evidenciando a intensão de, livres de significados definidos "a priori", desenvolver devires coletivos, ou seja, ao não arbitrar que lugares e objetos lhe são familiares sem apresentar qualquer poder sobrenatural, senão a insistência em simplesmente nunca funcionar como se espera, criando assim, com toda a sua habilidade, a autêntica atmosfera de um sonho angustiante.

Arquivo #2. Objeto de madeira, alumínio e mdf, 2013

ARQUIVO F.

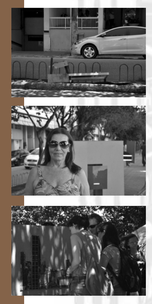


Desenhos conceituais dos arquivos, 2013.

A imagem se desenvolveu com o restante do trabalho e a ideia inicial da intervenção era construir três arquivos, em que um deles seria uma espécie de "arquivo morto", guardaria informações mas estaria inacessível, trancado, talvez. Este número era fundamental para estabelecer alguma continuidade na etapa de compartilhamento em que os arquivos constituiriam uma intervenção em determinados espaços públicos.

Depois de desenvolver protótipos aprimorados em inúmeros croquis e modelos virtuais, por cinco semanas dediquei-me a os construir, imbuindo nestes minha experiência tátil de fazê-los de maneira totalmente artesanal. O primeiro arquivo, mais simples, deveria ser robusto, entretanto com uma proporção esbelta, definida pelo empilhamento das quatro gavetas que voltavam-se cada uma para uma direção diferente, imaginava sua presença sólida, silenciosa e rígida, como um totem ou obelisco.

O segundo necessitava de uma superfície de dimensões maiores para enquadrar a gravura a uma altura tal que esta pudesse ser bem observada, o que motivou a alteração formal do arquivo, a ideia de voltar-se para todas as direções persistiu, o corpo agora volumoso, dobrado e de proporções atarracadas era sustentado por pilares longilíneos com balanços proporcionais que lhe conferia uma dura leveza. Enfim não tive fôlego para concluir o terceiro móvel, mas as peças que restaram, com algum preparo constituíram uma espécie de ruína daquele arquivo, que, destruído, cumpriria seu papel de colaborar com a totalidade da intervenção e ilustraria ainda melhor os vestígios das histórias e cenas obliteradas pela violenta metamorfose da cidade, esquecidas numa amnésia colateral e inevitável destas transformações, ainda poderia denotar que o trabalho não se encontrava concluído, que era uma construção em progresso.



Havia visto os arquivos antes da instalação. Como ouvinte, planejava cursar disciplinas teóricas na UFSC. Em seu país não permitiam que fizesse um TCC teórico, filosófico, como queria.

Ela tem mensagens para levar às pessoas. Acredita em ser intensa em seu lugar, na transcendência pela simplicidade.

– O que são estes fogões?
– São máquinas de lavar.
– É Propaganda da lavanderia?

O artista plástico gostou da construção, conversou sobre algumas obras, incentivou mais atitudes como esta e desejou sorte antes de aconselhar a colocar o que julgou ser lixo em seu devido lugar.

O senhor investigou as gavetas, perguntou se era a máquina do "Plim-plim" ou do PT. Antes de alguma resposta foi embora saltando e rindo.

Disse que mais pessoas deveriam fazer isto. Para ele a arquitetura tinha que chamar a atenção desta forma.

Quis uma explicação. Encontrou-se com a história das lavaderas, pois trabalhava com folclore quando lecionava. Alegrou-se ao se lembrar dos filhos e me encorajou como uma mãe.

Manipulou os arquivos e veio me parabenizar. É fotógrafo, fora morador de rua, desenvolve um projeto chamado "O homem reciclável", além disso, planeja constituir uma comunidade livre, com escalas de trabalhos de plantio bem organizadas. Apertamos as mãos e nos tornamos amigos no Facebook.

O amigo a perguntou se a alfândega havia sido mesmo pichada, ela achou aquilo um horror e disse que não lembrava um dia em que o prédio encontrara-se tão depredado.

Intervenção #1. Fev. 2014.

UMA VISITA

Enfim levamos uma intervenção até a avenida Hercílio Luz, lugar que me cativou pelos surpreendentes relatos contados pelo historiador catarinense Oswaldo R. Cabral, contando como era uma das localidades mais características da então Nossa Senhora do Desterro. Fascinou-me tremendamente a ausência do menor vestígio, salvo um par de lavanderias e um trajeto sinuoso, quase não há pistas de que a bem ambientada avenida fora o lugar de tantas figuras fundamentais do imaginário florianopolitano. Não há sinais de como era a ambiência às margens do rio da bulha, a sonoridade dos cantos das lavadeiras sempre interrompidos pelos berreiros em torno dos acertos de contas resolvidos ali mesmo pelos moradores, marinheiros ou soldados, a precariedade dos cortiços dos quais é impossível encontrar registros fotográficos, mesmo o aroma inconfundível da ponte do vinagre...

O médico e historiador relata centenas de anos de reclamações sobre o saneamento da área, que desde as reformas higienistas sofreu sucessivas reformas, expulsando gradativamente os moradores antigos, mario acima, mas só na última década foi totalmente tapado, sepultando completamente este singular e pitoresco aspecto da história de Nossa Senhora do Desterro.

Sem problematizar o impacto social destas reformas, escolher este local para concretizar uma intervenção de um trabalho que aborda as brutais transformações da cidade contemporânea é uma opção bastante simples. A despeito da qualificada infraestrutura construída, e do discreto caráter que a zona passa a ocupar no imaginário do cidadão, o nível de intensidade de apropriação desta em relação a outras tão antigas e centrais quanto a mesma expõe um contraste que, por si, permite questionar qual foi o ganho real destas benfeitorias.

Fui obrigado a interromper a intervenção antes do tempo programado por causa do tempo chuvoso, mas sua execução foi muito satisfatória. Além do arquivo destruído e dos arquivos construídos, contendo as narrativas e sustentando a matriz da gravura, dispostos de modo a estabelecer continuidade a interferência, uma dezena de clássicas máquinas de lavar estampadas em tecido foram penduradas em varais às margens do passeio central da avenida, às margens do imaginário percurso do antigo rio da bulha. Era uma visita de um personagem folclórico que representava outro tempo deste mesmo lugar.

A intervenção aconteceu num trecho sombreado e fresco da avenida, apesar do calor de até 38 daquela tarde, ali as pessoas passeavam tranquilamente. Próximo a instalação estava uma das lavanderias que persistiram, ilustrando a autenticidade daquele serviço naquele local.

As reações foram as mais diversas, era necessário estar aberto para registrar o que aconteceu e capturar a contribuição das pessoas as ideias e objetos que levei até eles. As máquinas esvoaçantes chamavam a atenção de mais pessoas, mas quem parava analisava atentamente aos arquivos. Relato alguns diálogos que tive com pessoas que se interessaram mais.

F. MÁQUINA DESTERRITO-RIALIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo de **Thiago de Mello Brito** orientado pelo Professor **Alcimir De Paris**

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro tecnológico
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Florianópolis,
Março de 2014.

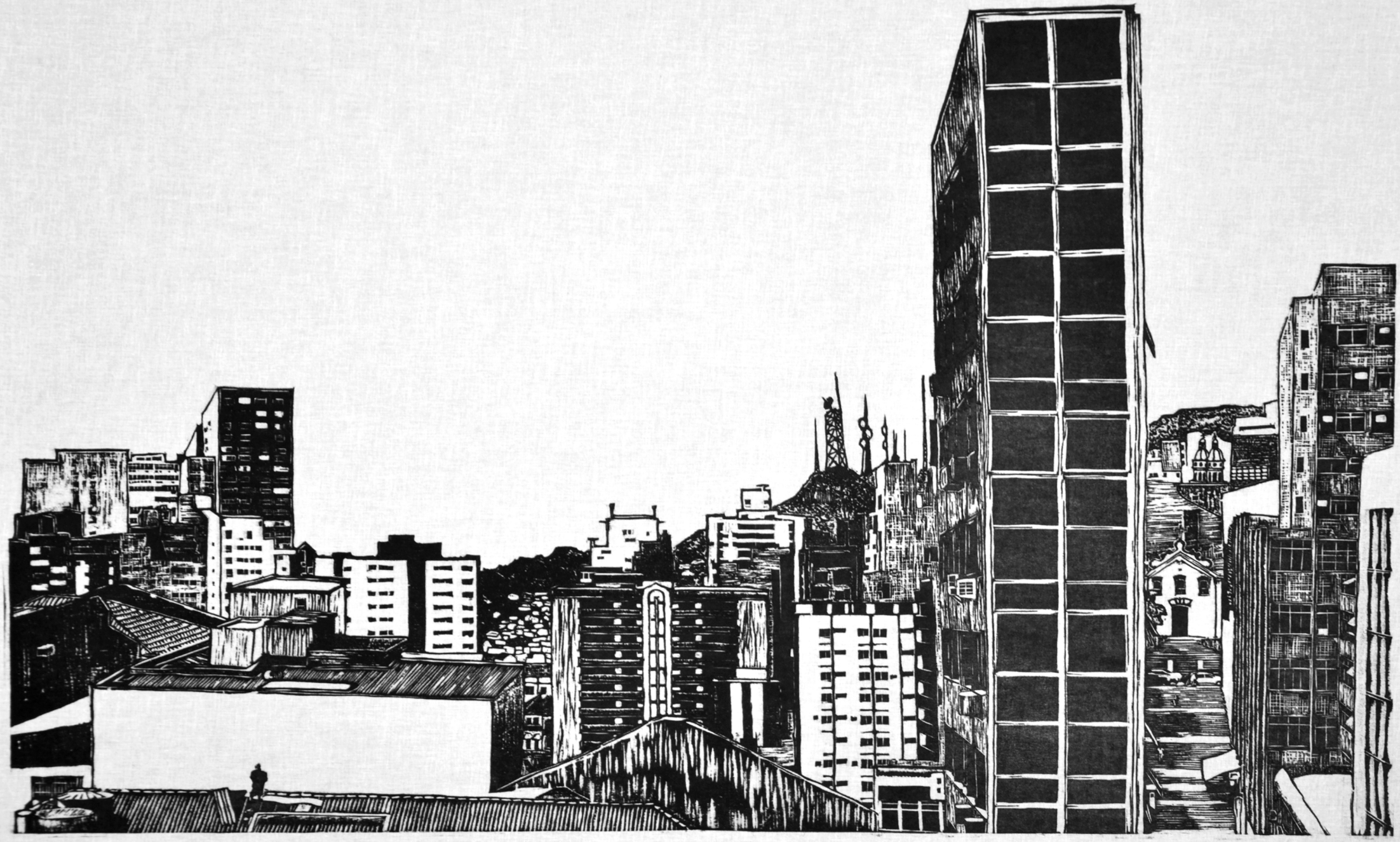
Elegi a rua Felipe Schmidt, no trecho entre o café "Senadinho" e a Praça XV como local para a segunda intervenção, por uma série de razões. Além do grande fluxo de pessoas e a conexão com lugares bastante retratados nas narrativas visuais, como a escadaria do rosário, a Igreja de São Francisco e a própria praça, foi um lugar onde quase sempre parei nos dias em que vaguei pelo centro da cidade. Tomando um café observava os jogadores de cartas e a plateia que os circundava. Eventualmente acompanhava à distância alguém que parava, olhava um pouco o jogo e seguia procurando outras coisas pela cidade. Tive a impressão que naquela parte muitas pessoas ganham alento.

Desta vez incrementei o arquivo com uma gaveta dedicada à visita das lavadeiras, contendo algumas máquinas, fio, pregadores e fotografias, além de outras narrativas feitas a partir dos registros fotográficos e relatos coletados da primeira intervenção, na Avenida Hercílio Luz, dois dias antes. Assim efetivamente trocava impressões e imagens com a cidade, levava meus recortes, olhares e ideologias e capturava as distintas reações, relatos e experiências com quem interagia, dividindo tudo com eles novamente solidarizando a autoria destes recortes e olhares. Ainda deixei dois gravadores de áudio captando a sonoridade daquele ambiente e alguns diálogos fragmentários de pessoas que conversavam mais próximas aos arquivos, para posteriormente incorporar, somando aos registros fotográficos e relatos, a montagem seguinte, na semana de apresentação dos TCCs.

Intervenção #2. Fev. 2014.

UM CONVITE

A montagem da intervenção foi às 14:00 horas, e desde o descarregar do pequeno caminhão alguém sempre vinha perguntar o que aconteceria, imaginando tratar-se de uma peça ou alguma exposição, por vezes acabavam contando alguma história, como um sujeito que contou ter ajudado a demolir o Miramar. Com a intervenção montada o interesse também foi significativo, muitos ficavam intrigados e em minutos já havia pessoas manipulando as gavetas, observando as fotografias e objetos à medida que investigavam. Depois de algum tempo imaginei ouvir o lugar tinha aprovado a incorporação da intervenção, pois em determinados momentos muitos passavam como se ali não houvesse nada diferente, depois a apropriação foi novamente intensa e continuou oscilando até as 19:00, quando, satisfeito com o que consegui capturar e muito entusiasmado com o resultado desta experiência, desmontei os arquivos e os trouxe de volta.

"(Nas culturas primitivas) se alguém não se perdia, não se tornava grande. E esse percurso era brandido no deserto, na floresta; os lugares eram uma espécie de máquina através da qual se adquiriam outros estados de consciência."

– Franco La Cecla.